

Análise discursiva e da imagem dos indígenas que foram veiculados no jornal O Liberal nos anos de 1990 e 2011¹

Prof^aDr^aIvânia dos Santos Neves, Professora dos cursos de Comunicação Social e Letras e do Programa de Mestrado de Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia

Valquíria Lima da Silva, Acadêmica de Graduação no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo - UNAMA/2011.

Resumo: O trabalho tem como objeto de estudo as edições do jornal O liberal, nos anos de 1990 e 2011. No primeiro ano investigado, há um grande número de matérias relacionadas a conflitos de terra e problemas de saúde dos povos indígenas no estado do Pará. No ano de 2011, houve uma queda no número de matérias, mas os assuntos, salvo algumas exceções, continuam sendo os mesmos. Para o leitor, os povos indígenas aparecem apenas como um grave problema social. A denúncia, em relação aos problemas com a saúde indígena e com os conflitos de terra devem ocupar lugar de destaque, na mídia, ainda mais quando as reportagens intensificam as discussões o que, pela inconsistência das pesquisas que lhes dão origem, quase nunca acontece. Por outro lado, a falta de matérias que mostrem a cultura e as histórias destas sociedades, reforçam um discurso que silencia estes povos e inventa um índio genérico.

Palavras-chave: O Liberal; indígenas; Amazônia.

Introdução

Há Uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana (...). A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça (...). Ajuda a modelar a visão prevalecente do mundo e os valores mais profundos (...) (KELNER, 2001, p.9)

O jornal *O Liberal*, que pertence às Organizações Rômulo Maiorana representam, atualmente, o segundo maior complexo empresarial no ramo da comunicação, na Amazônia. No Pará, eles são os proprietários da TV Liberal, afiliada da Rede Globo, contam com o Portal ORM, e os dois jornais impressos: O Liberal e Amazônia jornal. O objeto de pesquisa são as edições do jornal dos anos de 1990 e 2011, O Liberal é um dos maiores e mais lidos jornais impressos da Amazônia, por isso ele foi o escolhido para servir de fonte de pesquisa para este artigo.

Tomando como base as referências da Análise do discurso, especialmente as discussões de identidade e mídia. A pesquisa sobre o jornal O Liberal é documental onde são investigados os determinados jornais. É comparativa, pois analisa, descreve e compara dois momentos diferentes é uma pesquisa descritiva, pois como já falei vai descrever e analisar dois momentos da história. É quantitativa, pois analisa os números de matérias veiculadas e é qualitativa, porque analisa o conteúdo das matérias em si.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Selecionei o ano de 1990, porque em 1987 o cantor Sting encontrou o índio Raoni Metuktire, no Parque Indígena do Xingu este encontro possibilitou ao indígena ser conhecido internacionalmente. Em 1988, Raoni participou com Sting de uma conferência de imprensa, com este sucesso, Sting e sua esposa vieram a ser co-fundadores da Rainforest Foundation, uma organização que foi criada para sustentar os projetos do indígena. O mundo ainda vivia os efeitos destes acontecimentos ocorridos, quando entrou no ano de 1990, por isso neste ano foi possível perceber e reconhecer o impacto que o ser humano tem sobre o meio ambiente.

O segundo momento escolhido foi o ano de 2010, com ênfase no projeto Crianças Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias da escola, apoiado pelo Criança Esperança, idealizado e organizado pelas professoras e doutoras Ivânia Neves e Alda Cristina, abriram novas portas para os indígenas que estavam frequentemente pautados para estampar as páginas dos jornais. O intuito é verificar como os jornais pautam este assunto, depois que esses eventos acontecem, por isso o interesse em analisar 1990, logo após a visita de Sting na Amazônia e 2011, um ano após o projeto Criança Esperança ter apoiado e evidenciado a sociedade indígena Aikewára.

Para o leitor deste jornal, os povos indígenas aparecem apenas como um grave problema social. A denúncia, em relação aos problemas com a saúde indígena e com os conflitos de terra devem sim ocupar lugar de destaque, na mídia, ainda mais quando as reportagens conseguem intensificar as discussões e provocam alguma reação do poder público, o que, pela inconsistência das pesquisas que lhes dão origem, quase nunca acontece. Por outro lado, a ausência de matérias que mostrem as singularidades da cultura e da história destas sociedades, continua reforçando um discurso que silencia estes povos e inventa um índio genérico, que precisa ser civilizado, para não causar problemas ao desenvolvimento do país. Uma das principais bases para a pesquisa é a tese de doutorado da professora Ivânia dos Santos Neves, onde ela discute a Invenção do índio e as narrativas orais Tupi. Quanto à invenção do índio ela nos mostra dois caminhos:

A invenção do índio implica pelo menos dois sentidos para o uso da palavra invenção. Podemos entender que se trata de uma falsificação forjada pelas relações de poder do sistema colonial, que institui um índio genérico, antropófago, sem roupa sem roupa, sem conhecimento e de mentalidade primitiva. [...] Acredito mesmo que os índios, quando foi possível resistiram e ainda hoje, apesar das inúmeras dificuldades que enfrentam, continuam reinventando suas tradições e demarcando suas novas fronteiras culturais. Neste sentido mais construtivo, a invenção é um exercício e de criatividade das sociedades indígenas (NEVES, 2009, p.28)

A professora Ivânia dos Santos Neves, nos mostra neste parágrafo duas explicações para a palavra invenção, quando o assunto é sociedades indígenas. Em um dado momento podemos olhar a palavra invenção, como algo inventado e falso. Essa generalidade que pode ser dita comum entre as sociedades indígenas como se todas fossem exatamente do mesmo jeito.

De acordo com a autora é este índio genérico que é mostrado nos demais meios é uma forma de manter um conhecimento e um pensamento que não é comum das pessoas, mas sim elucidar o pensamento forjado e defendido pelas relações de poder. Todo esse conhecimento é baseado nas imagens que temos de um índio passado, como se ele não tivesse sofrido nenhuma transformação ou desenvolvimento.

Mas com tudo ela nos mostra o segundo significado para a palavra invenção, que seria esta resistência indígena à tudo que possa apagá-los da sociedade, que com isso os indígenas são obrigados de uma forma ou de outra a se reinventar e se adequar aos acontecimentos da sociedade e marcar no seu território as fronteiras culturais, para a professora está é uma forma mais construtiva para a palavra invenção quando nos referimos às sociedades indígenas.

Também será usada a dissertação de mestrado de Hellen Maria Monarcha, quando ela fala sobre discurso e mídia, sua fala é atravessada por outros discursos. Isso é observado quando ela cita a professora Ivânia Neves e a professora Maria do Rosário Gregolin. Está fala é evidenciada quando:

Hoje em meio às sociedades complexas, os discursos que circulam nos espaços abertos pelas novas tecnologias convivem com as novas e tradicionais formas de produzir sentidos. Este início de século exibe, em sua paisagem dinâmica, as diferentes possibilidades de mediações, como em nenhum momento da história. Em meio a este mosaico contemporâneo de informação, atualizam-se memórias, recriam-se e se repetem antigos discursos (MONARCHA, 2012, p.49)

Levando em consideração a dissertação de mestrado de Hellen Monarcha, podemos perceber essa intensa luta entre as imagens que circulam nas mídias entre o novo e o antigo, parece fácil conviver com as novas tecnologias e até mesmo com coisas que nos parecem comuns, mas para os indígenas que possuem uma cultura um modo de viver são obrigados a conciliar esses momentos.

As sociedades indígenas atualizam suas memórias e tradições, mas mesmo assim eles são obrigados a aceitar as mudanças ocorridas fora de sua sociedade sendo que muitas vezes não existe uma forma de mediar essas culturas tão comuns a todos e a eles também.

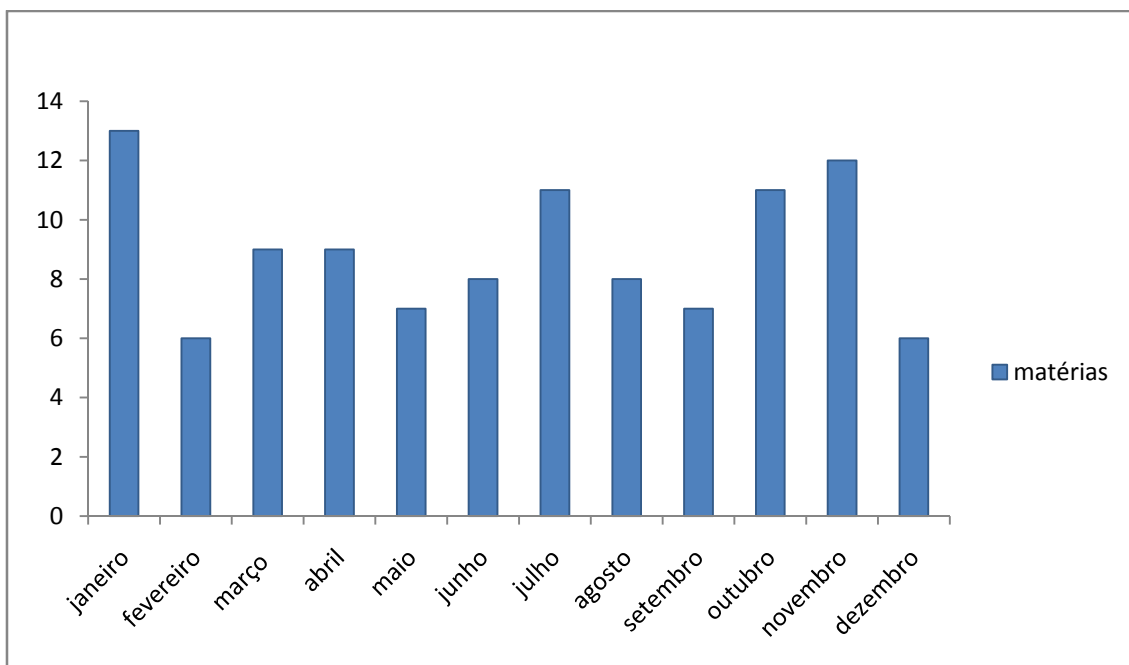
Há Uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana [...]. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça [...]. Ajuda a modelar a visão prevalecente do mundo e os valores mais profundos (KELNER, 2001, p.9).

Quando vemos as imagens na TV ou nos jornais não pensamos em nenhum momento o que pode ter levados os indígenas á agirem de certa forma, não pensamos nos motivos dessas ações.

Para fazer este artigo, analisamos o Jornal *O Liberal*, nos anos de 1990 e 2011 e esperamos mostrar o que mudou de lá pra cá, se os conceitos continuam os mesmos e como a imprensa escrita mostra as sociedades indígenas.

O principal objetivo deste trabalho é mostrar a imagem dos índios que é veiculada no jornal impresso *O Liberal*, analisando tanto a quantidade de matérias veiculadas em cada ano escolhido, para a pesquisa e os assuntos abordados. O interesse é perceber se essa imagem indígena é estereotipada ou se temos um amadurecimento no conhecimento sobre essas sociedades.

Os anos 90



Fonte: Pesquisa realizada pela aluna da UNAMA, Valquíria Lima

O número de jornais pesquisados em 1990 foi de 365, sendo que o número de inserções chegou a 107. Foi observado nos jornais uma recorrência em temas relativos aos conflitos envolvendo os indígenas.

Parece extremamente fácil falar sobre as sociedades indígenas no Pará, pois os assuntos são sempre repetidos. Em 1990 o assunto do momento eram os Yanomamis e sua eterna predestinação para a violência, os Suruí também tiveram seus 15 minutos de fama (ou se duvidar um pouco mais) pelo fato desta tribo ter sido atacada por uma doença pouco conhecida e a novela sobre o fim da Funai, uma história que repercutiu na mídia impressa em 1990.

As matérias eram mais comuns no caderno Cidade, mas isso não impedia de encontrarmos matérias no caderno de política, polícia, internacional e também alguns artigos referentes aos indígenas. O problema das matérias não é o assunto já que o jornalista deve informar o seu leitor sobre o que está acontecendo. O problema é a recorrência com que essas matérias são veiculadas.

No dia 19 de abril de 1990, o jornal O liberal veiculou em suas páginas um especial do dia do índio, a matéria ganhou uma página inteira do caderno dois, onde Heraldo Montarroyos faz um passeio pela história mostrando como os índios eram vistos no passado e como são vistos agora, o autor deixa claro que:



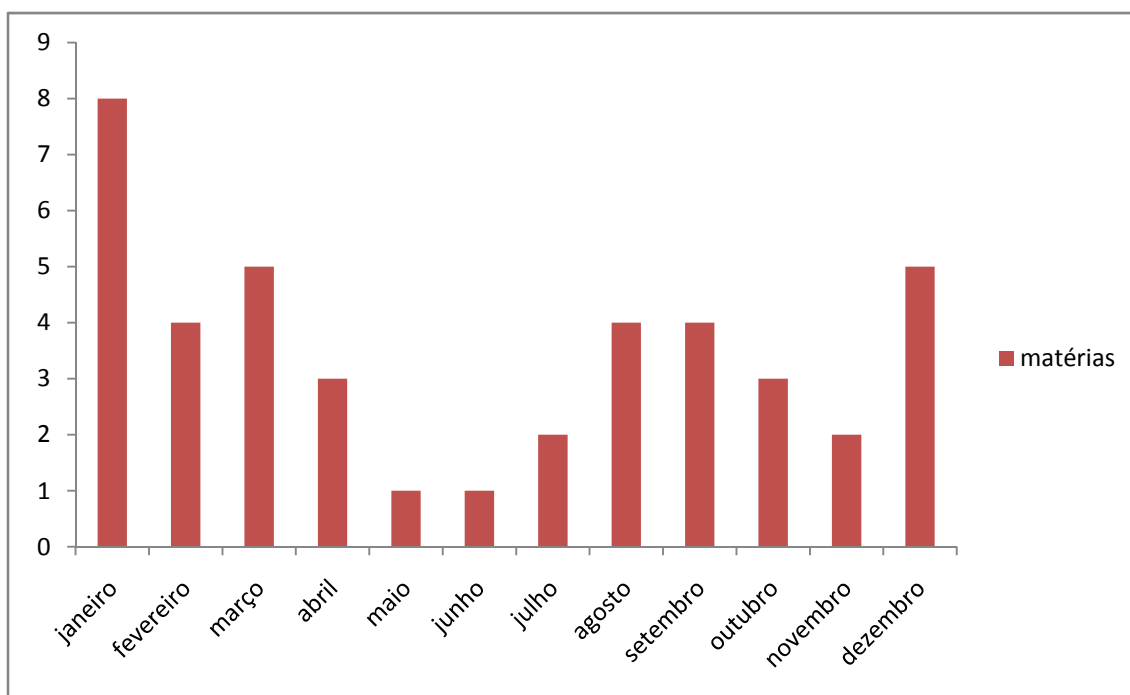
“Mas o estigma é também mais um dos grandes problemas enfrentados pelos índios, são pensados como inferiores, medíocres, e cá entre nós, rejeitados como cidadãos que têm seus direitos a compartilhar no desenvolvimento do país.”
O liberal, 19 de abril de 1990

Como podemos perceber está era a visão que as pessoas tinham sobre os índios, mas o autor procura mostrar que eles (os indígenas) têm o direito de caminhar, construir e desenvolver o país como qualquer outro cidadão.

O ano de 2011

Em 1990 os jornais ainda são em preto e branco e isso também vai influenciar as análises feitas neste trabalho, pois em 2011 as matéria já terão os recursos visuais e uma fotografia colorida vai chamar muita atenção não só pelas cores escolhidas especificamente para falar de determinado assunto:

[...] O ‘olhar’ ou o ‘ver’ mudou realmente, graças a atrativos poderosos com que hoje é servido. As fotos nos jornais, para ficar num exemplo obviamente visual, são agora coloridas e mostram o sangue da violência com maior realismo.(MARTÍN-BARBERO,2001,p.7)



Fonte: Pesquisa realizada pela aluna da UNAMA, Valquíria Lima

Em 2011 o apelo não está somente no texto há uma carga maior nas imagens veiculadas o número de jornais pesquisados em 2011 foi de 365 e o número de inserções foi de 42,nota-se uma queda drástica em relação ao outro ano pesquisado,mas é possível notar um aumento no número de reportagens referentes a cultura indígena, porém este aumento não é significativo levando em consideração as matérias veiculadas no jornal que tratam

especificamente dos problemas relacionados aos índios que como eu já falei sobre o gráfico anterior ele privilegia aos temas relacionados aos conflitos, mortes e protestos envolvendo os índios. Só que em 2011 o foco dos protestos é contra a construção da Hidrelétrica de Belo Monte.

Tanto que na matéria especial em comemoração ao dia do índio não temos mais o histórico e sim uma entrevista com uma indígena que é contra a construção de Belo Monte:



Dia do Índio é marcado por protesto contra Belo Monte

EM PÉ DE GUERRA
Sheyla Juruna não descarta violência se governo insistir em fazer a usina

BRASILIA
THIAGO VILARINS
Da imprensa

A insistência do governo em construir a usina hidrelétrica de Belo Monte, transformou a data de hoje, o Dia do Índio, em uma data de protesto. Segundo a representante dos povos indígenas junto ao Movimento Xingu Vivo até Sempre, Sheyla Juruna, o dia será de intensificar a batalha contra o empreendimento. "Não tem o que festejar no Dia do Índio, a gente tem muito é que brigar mesmo, demonstrar a nossa insatisfação diante desse governo injusto, que está aí levando tudo do jeito que ele quer, contra o nosso povo", protesta.

Em entrevista exclusiva a O LIBERAL, Sheyla, que é da aldeia indígena Juruna, no município de Vitória do Xingu, localizado no local onde está programado a construção do lago de 516 Km², alerta que os povos estão preparados para ir até o fim dessa batalha contra o mega-empreendimento. Destaca, inclusive, que os indígenas estão prontos para guerrear até a morte. "Não descarto essa possibilidade, essa guerra. E isso vai acontecer e a culpa será do governo. Nós não temos medo. O que tivermos que fazer para defender nossas casas, nós vamos fazer. Vamos nos defender até o fim desse governo que fala em acabar a miséria, mas está fazendo com Belo Monte mais miseráveis." Continua a entrevista.

■ **A construção da usina hidrelétrica de Belo Monte pode ser apontada como a maior preocupação dos indígenas do Estado no dia de hoje?**
□ Com certeza. Isso porque quando se fala em empreendimento de barragem na Amazônia, a gente entende que é um assunto de dimensão muito maior. A Amazônia é o coração do mundo, a floresta está na Amazônia e se empreendimento de barragem a destrói vai prejudicar todos os povos do Brasil. A nossa preocupação com o povo indígena do Xingu é isso: é

não haver empreendimento de barragem, porque isso destrói nossos territórios. É uma questão muito complicada, nós estamos sofrendo os impactos diretos e o governo não está olhando para isso. Eu estou muito preocupada. Não tem o que festejar no Dia do Índio, a gente tem muito é que brigar mesmo, demonstrar a nossa insatisfação diante desse governo injusto, que está aí levando tudo do jeito que ele quer, contra o nosso povo. A gente está aí sempre falando que o governo não fez um estudo na Baía do Xingu, eles dizem que só vai atingir uma parte da baía, mas no nosso entendimento vai atingir toda a baía do Xingu. Por isso que os nossos parentes na Amazônia e todos os povos do Brasil estão com a gente nesta causa. O que está acontecendo agora é que o Governo tem entregado para a empreendedora a função que é dele, que é demarcar a nossa terra, de prestar assistência à saúde de qualidade e a nossa educação, porque é uma condicionante para o empreendimento, mas não está certo, é injusto, é uma violação do nosso direito.

■ **Onde fica a sua aldeia e de que forma ela será impactada pelas obras de Belo Monte?**
□ A minha aldeia fica no município de Vitória do Xingu, no quilômetro 17, uma das áreas que serão mais atingidas por Belo Monte. Primeiro, nossa área não é demarcada, nós estamos em uma rodovia estadual, em um município que é área de influência de Belo Monte também, frente ao grande lago que fica no mapa. O nosso impacto social é direto, de novo porque a nossa área não é demarcada, não temos segurança, não temos assistência nenhuma desse Governo. Então fica muito difícil para nós, vamos ficar sem os rios que usamos para pescar, eles vão secar, vão colocar estradas de acesso e vão derrubar muitas árvores. Não estão envergando o outro lado, o do desmatamento. Também tem o lado da violação, o Governo diz que consultou os índios, mas ninguém foi lá para ouvir. Tudo é uma mentira.

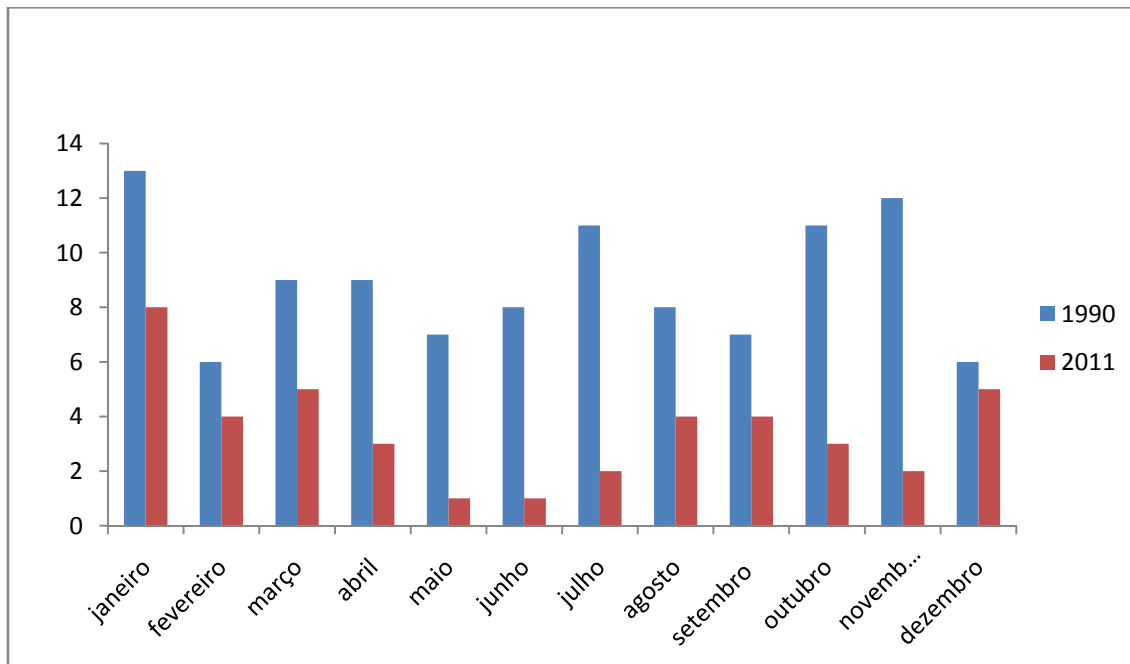
■ **O governo diz que vai compensar as populações tradicionais que serão prejudicadas pela construção de Belo Monte. Você não acredita nessas compensações?**
□ De que maneira pode haver benefícios para os índios? O benefício que nós precisamos é a demarcação da nossa terra com segurança, saúde e educação de qualidade. Não tem nada que possa compensar os impactos que vocês geraram. Por exemplo, na Volta Grande do Xingu, como ficam as grandes descobertas arqueológicas dos meus parentes antigos que miraram lá por muito tempo? Elas vão ser todas destruídas, por dinamite, e isso não tem valor para vocês, mas para nós tem. E os nossos cemitérios tradicionais? E tudo que envolve a nossa história? Não estão olhando para nós. Eu acho que não tem nada de bom

■ **Você disse que o dia de hoje é de se intensificar a luta. De que forma vocês devem agir, agora, para mudar a opinião do governo?**
□ Vamos nos fortalecer cada vez mais. Vamos conscientizar outros povos, para se juntar a nossa luta, como o povo de Tapajós que está um pouco calado. Eu estive lá agora e falei para eles que é para a gente obrigar o governo a cumprir seu papel. Expliquei que o governo só enverga a gente quando nós estamos nos preparando para a batalha, para a guerra mesmo. Então nós vamos abrir mão da nossa liberdade, do nosso direito de ser ouvido. Nós não estamos felizes. O Dia do Índio devia ser todo dia, mas o governo não respeita os nossos povos, a nossa paz. Não vamos parar de lutar.

■ **Os seus parentes catiápis dizem que Belo Monte vai se transformar em um rio de sangue. Você teme que essa disputa possa terminar em mortes?**
□ Com certeza haverá rio de sangue. Eu apóio essa fala dos nossos parentes dessa parte do Xingu, dos catiápis. Não descarto essa possibilidade e estou com essa luta, porque é o governo está instigando essa violência, essa guerra. Isso vai acontecer e a culpa será do governo. Nós não temos medo. O que tivermos que fazer para defender nossas casas, nós vamos fazer. Vamos nos defender até o fim desse governo que fala em acabar a miséria, mas está fazendo com Belo Monte mais miseráveis.

Na imagem podemos ver o contrário do que aconteceu em 90, quando uma matéria foi veiculada onde contava a história dos indígenas. Agora a preocupação é outra mostrar de todas as formas as manifestações que são feitas contra a construção de Belo Monte. A índia que é mostrada está pintada, com o cocar na cabeça e sua mão está em punho. Se alguém ainda estivesse em dúvida de que ela está indo pra guerra é só olhar o Soutien da matéria: "Em pé de guerra: Sheyla Juruna não descarta violência se governo insistir em fazer a usina".

Gráfico comparativo das matérias veiculada em 1990 e 2011



Fonte: Pesquisa realizada pela aluna da UNAMA, Valquíria Lima

[...] a mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses narrativas, de representações que constituem o imaginário social. [...] Como o próprio nome parece indicar, as *mídias* desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.

(GREGOLIN, 2003, p.96-97)

É possível notar uma grande redução das matérias veiculadas em 90 e em 2011, uma das perguntas que este trabalho busca responder é o porquê desta diminuição significativa nas matérias?

Conclusão

Nos primeiros resultados deste trabalho, já chegamos a duas conclusões iniciais: o jornal constrói uma identidade de forma estereotipada das populações indígenas, circunscrita aos problemas de terra e da saúde indígena e, segundo, a posição adotada pelos editores sofreu profundas transformações, neste período, e o interesse sobre populações indígenas, embora ele se situe no estado que reúne o segundo maior número de povos indígenas do país, caiu drasticamente.

REFERÊNCIAS

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

NEVES, Ivânia. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2009

_____. (Org.); COSTA, A. C. (Org.). **Crianças Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola**. 1. ed. Belém: Editora Unama, 2011. v. 1. 50p

MONARCHA, Hellen Maria Alonso. **Trajetórias iniciais: memória das sociedades indígenas no twitter**. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2010, Recife. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.